

A Máscara Fotografada e Profanada: Um processo de Subjetivação dos Engraxates de La Paz¹

Caio SANTOS²

Ângela MARQUES³

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

Resumo

Dentro da capital boliviana, La Paz, os engraxates da cidade, por se sentirem de tal maneira discriminados por sua ocupação, utilizam balaclavas cobrindo praticamente todo o rosto e exibindo somente os olhos e a boca a fim de esconder suas identidades. O ato de mascarar-se consiste na materialização de preconceitos e de relações de poder intersubjetivas típicas da atual forma do capitalismo. Tentando combater a discriminação, em 2005, surge o jornal *Hormigón Armado*, uma iniciativa que se dedica a publicar textos e imagens que retratam os engraxates. As imagens deste jornal reservam uma potencial contribuição para o processo de subjetivação do grupo por meio da fotografia, particularmente por meio da profanação da máscara, dialogando aqui com o conceito proposto por Giorgio Agamben.

Palavras-chave

Profanação; Máscara; Fotografia; Engraxate; Bolívia.

Se alguém viajar para La Paz, capital de Bolívia, ou sua cidade satélite, El Alto, verá, quase imediatamente, as diferenças radicais e variadas com as metrópoles brasileiras. Não só diferenças geográficas, como o relevo e o clima andino, mas também diferenças culturais, como a forte presença da cultura indígena no cotidiano. Porém, de tantas especificidades desta terra, uma é de especial interesse: engraxates, espalhados pelas calçadas e praças, lustram calçados como forma de subsistência. Estes trabalhadores são marcados por condições de trabalho precárias e, unicamente nestes dois países, por possuírem o costume de esconderem o rosto com balaclavas⁴.

Somente ao passear pelas ruas, facilmente se reconhece estes personagens mascarados, apelidados pelos locais de *lustrabotas*, sentados no chão com uma pequena caixa de

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Comunicação, Espaço e Cidadania da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de graduação no 5º Semestre do curso de Comunicação Social (habilitação em jornalismo) pela UFMG. Email: [cgsantos99@hotmail.com](mailto:cdsantos99@hotmail.com)

³ Orientadora do trabalho. Professora no curso de Comunicação Social da UFMG. Email: angelasalgueiro@gmail.com.

⁴ “Gorro de malha justo, que cobre a cabeça até ao pescoço ou até os ombros, com abertura para os olhos e, por vezes, para o nariz e para a boca, geralmente usado para proteção por montanhistas, esquiadores, pilotos, militares, etc” (in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/DLPO/balaclava> [acesso em 28-09-2014]).

madeira, esperando a chegada do próximo cliente. Quase todos são empurrados a este trabalho pela pobreza e pela carência financeira. Porém, mesmo diante da adversidade, o que torna estes indivíduos ímpares em todo o mundo são as diversas práticas por meio das quais buscam garantir um anonimato e preservar suas identidades enquanto exercem sua ocupação. Além de se mascararem, os mesmos somente se chamam por pseudônimos ou apelidos enquanto estão de rosto coberto. Também, antes e depois do dia de trabalho, costumam trocar completamente de roupa para que seus trajes não acabem lhes traindo e expondo seu ofício secreto.

O caso dos engraxates de La Paz é emblemático por evidenciar o nível simbólico de uma segregação social. Talvez por ser um fenômeno muito específico, ele não recebeu ainda o olhar analítico que merece. Este trabalho tem como objetivo contribuir para a reflexão acerca do tema da subjetivação a partir de uma perspectiva comunicacional da discriminação e da resistência tanto política quanto estética.

As justificativas para o uso da máscara são variadas e, muitas vezes, ambíguas. O que importa é que muitos temem serem reconhecidos como engraxates, receosos de sofrerem perseguição ou maus tratos.

Uma explicação recorrente e comum para a máscara é uma discriminação da ocupação de engraxate, como apontado na fala do *lustrabota* Cleto Choque: “*Los lustradores son borrachos, alcohólicos. Es lo que hablan. Por eso tenemos que usar esto [aponta para a máscara que veste]. No somos todos iguales, peros ellos generalizan. Así es la sociedad*”.⁵

Este mito vigente associa os engraxates ao alcoolismo e ao abuso do uso de drogas, também sendo comumente vistos como ladrões e criminosos. Ativistas, lideranças e os próprios engraxates apontam que, apesar da existência de um grupo assim, esta descrição não corresponde à maioria, no entanto, o tratamento social costuma ser homogêneo. Devido a este preconceito, os engraxates se utilizam da balaclava e dos demais procedimentos de anonimato para proteger suas identidades e vidas pessoais.

O temor de serem identificados é tão grande que alguns escondem da própria família, não podendo prever suas reações ao saberem como ganham a vida. Diante da dificuldade de se tornarem considerados para além das características atreladas ao estigma, a balaclava, ao mesmo tempo em que nos oferece sua profissão, esconde um sujeito e um modo de vida que nos são inacessíveis.

⁵ Vídeo *Shoe Shiners in Bolívia*, produzido por Global Nomads Group, disponível no link: <<https://youtu.be/8IcNfECAnvo?list=FLPJSDrxxdgpNPSWRVbT9WBA>>, acesso em Junho de 2015.

O fato de ser uma atitude tão extrema, em um país como Bolívia, nos remete quase imediatamente ao sistema de castas indiano, em que haveria uma imposição cultural que exclui alguns de certos espaços simbólicos, sendo a máscara uma manifestação da recusa pela sociedade em reconhecer e valorizar estes indivíduos. Porém, conforme se observa o fenômeno com maior atenção, percebe-se que esta aproximação não é perfeitamente apropriada por não identificarmos uma cultura “pré-moderna” hierarquizante como na Ásia. A prática é extremamente pontual no tempo e espaço: o uso da balaclava só é percebido nas cidades de El Alto e La Paz - apesar de haver engraxates no resto da Bolívia e da Região Andina, eles não escondem o rosto enquanto trabalham. Além disto, não se trata de uma tradição: os primeiros registros da vestimenta somente tiveram início 30 anos atrás, sendo algo consideravelmente recente (SCARNECCHIA, CAVAGNOUD, 2013). Esses fatos enfraquecem a pressuposição de que teria uma origem cultural, apesar de ser uma atitude especialmente simbólica.

A hipótese mais provável para o fenômeno pode ser imaginada ao percebermos que ele se iniciou no final da década de 1980, mesmo período da instalação de diversas políticas neoliberais no país. Tais políticas teriam intensificado a desigualdade e aumentaram tensões de classe, o que amplificou o desprestígio de trabalhos humildes e provocou um aumento do estigma ao redor dos *lustrabotas*. Temendo a discriminação, os engraxates começaram a esconder suas identidades com máscaras, prática que se consolidou nos anos seguintes e continua até hoje (SCARNECCHIA, CAVAGNOUD, 2013, p. 501).

O curioso é observar que a inspiração direta da prática são justamente problemas estruturais, como pobreza e desigualdade, e que esses elementos não são exclusivos, de nenhuma forma, a Bolívia. Na verdade, tais questões são comuns a praticamente toda a América Latina, sendo o Brasil um dos casos mais sérios. O que ocorre em La Paz não deve ser imaginado, apesar de sua pontualidade, como um fenômeno isolado: ao contrário, ele é intimamente relacionado com a lógica capitalista contemporânea. *Lustrabotas* são pessoas que experimentam injustiças de toda sorte, que sofrem pela ausência de reconhecimento social, que temem mostrar seus rostos ao mundo e serem recriminadas pelo seu emprego. A situação que enfrentam nos serve para entender as consequências e as possíveis remediações de um regime discriminatório que incentiva a hierarquização da sociedade por meio tanto de preconceitos quanto por precariedades econômicas e sociais. Portanto, o Brasil, marcado por desigualdades de raça, de classe e de gênero, é talvez muito mais próximo a La Paz do que possa parecer.

Trabalho Indigno e Invisibilidade Social

É pensando nesta proximidade com o Brasil que podemos recuperar as reflexões de Jessé Souza (2009) para entender o que inspiraria o uso da balaclava. Para isso, a fala do *lustrabota* Cleto, entrevistado no documentário *Brillo*,⁶ pode ser elucidativa:

“Yo puedo explicar un poco porque me tapo la cara, no? Se yo realmente uso la capucha es porque a veces los vecinos de la misma zona donde tu vives, el amigo, te preguntan donde trabajas. Tu les dices ‘soy lustrabotas’ te discriminan. Tu sientes un poco vergüenza, entiendes? Porque ellos trabajan en una fabrica, en una empresa, son policías, son profesores, tantas cosas que tienen. Pero, al decir que soy lustrabota, te sienta vergüenza. Para que no pasa eso yo tengo que decir... yo tengo que me encapuzar para que no me reconozcan. Se lo digo que trabajo en una tienda, no me pasa nada. Por eso, para que no me descubran, yo me tapo.” (Cleto, *lustrabota* entrevistado no documentário *Brillo*).

Majoritariamente, quando respondem sobre porque escondem o rosto, uma palavra em especial aparece com frequência: *vergüenza* (vergonha). Cleto faz uma comparação entre a ocupação de *lustrabota* e demais profissões (vistas socialmente como capazes de aportar ganhos coletivos – alcançam legitimidade quando são percebidas como aptas a favorecerem o bem comum), apontando para a falta de prestígio da primeira. Temendo se sentirem inferiorizados diante de colegas, vizinhos e familiares, eles buscam o anonimato.

Este sentimento de rebaixamento, de desonra e de ignomínia, é bem perceptível nos relatos acima e é sempre associado à ocupação desempenhada pelos indivíduos. O que ocorre em La Paz parece refletir bem a ideia de como certos trabalhos “indignificam” seus sujeitos. Opondo-se ao senso comum de que “todo trabalho é digno”, Jessé Souza (2009) argumenta que em certo tipo de emprego, os trabalhos desqualificados – como lavadores de carro, garis e catadores de lixo - são socialmente estigmatizados. A discriminação enfrentada seria interiorizada por parte dos sujeitos na forma da vergonha descrita acima. Como aponta o sociólogo, essa baixa estima pode ser percebida nos próprios gestos dos marginalizados:

Como diz Pierre Bourdieu, os dominados acabam contribuindo para a dominação da qual são vítimas, pois seu corpo (através de seus gestos) aceita, espontaneamente e por antecipação, os limites (de classe) impostos [...] Mas isso não precisa ser lembrado no momento em que se retraem, sendo comum, espontaneamente, enrubescerem, baixarem o tom de voz, demonstrarem ansiedade, desajeitamento ante uma situação a que se submetem, “mesmo contra a vontade e a contragosto, ao juízo dominante” (SOUZA, 2009, p.264-265)

Como entender este sentimento em que o próprio contato com alguém de outra classe já seria uma experiência humilhante? A fase atual do capitalismo, marcada por uma hegemonia neoliberal, é norteadada pelo discurso da meritocracia. Esta ideologia afirma que o

⁶ Documentário de 2010, disponível online em< <https://vimeo.com/16431175>>. Acesso em Abril de 2015.

sucesso está disponível a todos, independentemente das origens e condições sociais. Nesta mentalidade, o crescimento econômico e social de determinado sujeito é exclusivamente dependente de seu esforço para conquistá-lo. Logo, aqueles que não possuem tal status são os fracassados e são taxados como preguiçosos ou incompetentes.

Assim, ela responsabiliza os indivíduos pela condição em que vivem, descartando qualquer consideração pelas causas estruturais da desigualdade e as legitimando ao tratar a pobreza como vício e a riqueza como virtude. Esta perspectiva dominante introjeta um sentimento de culpa, fazendo com que os miseráveis se envergonhassem de seu fracasso. Deste sentimento, viriam seus modos reservados diante dos bem sucedidos – ou seriam os bem afortunados? – descritos por Souza.

A esta busca de evitar ao máximo o contato com indigentes e miseráveis, as demais classes retribuem sua reserva com uma forma de indiferença ou aversão:

Pois como não estranhar um “farrapo humano” remexendo no lixo, em um local que ele nunca frequentaria a não ser para isso (ou para pedir esmola), sujando a paisagem de quem de outra forma não tem que conviver diariamente com a miséria, com sua feiura, se não fosse esse mecanismo peculiar da ‘invisibilidade moral’? (SOUZA, 2009, p. 267)

Aqui surge a dinâmica conhecida como “invisibilidade social” em que a classe média percebe fisicamente a presença do outro e, quase sem se dar conta, o ignora por completo, decretando sua não relevância social (SOUZA, 2009, p. 267). Mas, a invisibilidade não é só física: ela é também moral, uma vez que aos sujeitos desvalorizados é negada a palavra e um lugar de fala que os permita serem interlocutores de debates acerca do comum. Despercebidos, os desqualificados – catadores de lixo no Brasil e engraxates na Bolívia – seguem em sua rotina de trabalho, sempre distantes dos honrosos senhores que passam à sua frente e tentam adiar o constrangimento no encontro com os ilustres clientes/patrões.

Assim, buscando garantir o convívio pacífico entre as duas classes, um evitando o incômodo e o outro evitando a humilhação, ocorre este acordo não pronunciado em que um ignora e outro se omite. Mas, até que ponto esta omissão pode chegar? Suas últimas consequências estão em La Paz, em que a timidez dos desqualificados é traduzida pela atitude extrema de esconder o rosto e usar pseudônimos a fim de evitar a todo custo ser inferiorizado por sua pobreza.

A balaclava é a materialização da vergonha da ralé estampada na forma de um gorro anônimo. Porém, cabe notar que Jessé Souza chama atenção para o fato de que a dinâmica da invisibilidade não é exatamente “evitar a humilhação”, e sim deixá-la latente. O discurso

meritocrático e a degradação humana sempre reaparecem com o intuito de lembrar os pobres de sua baixaza. Apesar de concordarmos com várias das proposições de Souza, é preciso deixar claro que ele não aposta na potência dos indivíduos da ralé em se configurarem como sujeitos políticos. A potência criativa (biopotência) está ausente das reflexões desse autor, assim como uma reflexão mais detida acerca dos modos de subjetivação de sujeitos marginalizados. Assim, nos distanciamos um pouco de Souza quando desejamos evidenciar, junto com Rancière (1996), que a subjetivação considera, sobretudo, tanto o processo de se tornar sujeito quanto o processo político de nomear constrangimentos de poder e injustiças: ela torna visível o hiato entre a identidade de alguém dentro da ordem consensual dada (na distribuição de papéis, lugares e status) e certa demanda de subjetividade por meio da ação política. Nesta ação, o indivíduo se faz sujeito emancipado através do trabalho que realiza sobre sua própria linguagem.

Tomar a palavra é importante nesse processo (assim como “aparecer” na cena pública), porque esses indivíduos “descobrem-se, ao modo da transgressão, como seres falantes, dotados de uma palavra que não exprime simplesmente a necessidade, o sofrimento e o furor, mas manifesta a inteligência.” (Rancière, 1996, p.38). A questão central da subjetivação para Rancière está na concepção do sujeito como interlocutor e de suas condições de performance, que tecem linhas de força e lugares de fala que desassocia nomes, pertencimentos e ocupações, abrindo novo campo de possíveis no âmbito da existência.

Nesse sentido, utilizamos aqui algumas fotografias retiradas do *Hormigón Armado*⁷, uma iniciativa (iniciada em 2005) que oferece apoio escolar, legal e à saúde aos engraxates e promove oficinas semanais, oferecendo a oportunidade de seus beneficiários venderem um jornal produzido parcialmente por eles próprios. A impressão do jornal é integralmente financiada pela venda de espaço publicitário, enquanto o dinheiro arrecadado por cada edição é deixada ao próprio engraxate vendedor. Atualmente, ele abrange 60 engraxates e suas famílias imediatas, somando assim quase duzentos beneficiários diretos, enquanto o jornal conta com uma publicação bimensal de 5.500 exemplares, todos se esgotando sem demora⁸. Segundo Jaime Villalobos, o diretor do projeto, tenta-se criar uma mediação entre a sociedade pecenha e a vida dos lustrabotas, visando a promoção da imagem digna do

⁷ O nome pode ser literalmente traduzido como “Formigão Armado”, mas consiste em uma expressão do espanhol para “concreto armado”. Este duplo sentido é uma metáfora para o ideal do projeto: a formiga, fragilizada sozinha, se torna forte quanto unida ao grupo.

⁸ Fonte dos dados está no Relatório do 1º Semestre de 2014.

engraxate e tentando combater sua discriminação. Para isso, o próprio espaço do jornal é aberto para seus beneficiários divulgarem seus pensamentos e comentários sobre a cidade em que vivem, assumindo assim um lugar de fala.

Acreditamos que este trabalho contribui para a subjetivação dos engraxates, particularmente a partir da fotografia e de um processo de ressignificação/profanação da máscara. Para este estudo, foram utilizadas algumas imagens de capa do jornal disponibilizadas aos autores pelos coordenadores do projeto.

Ritual de Anonimato

Buscando entender o papel da máscara dentro desta disposição de invisibilidade dos engraxates, recuperamos a belíssima conferência *O Corpo Utópico*. Nela, há um trecho em que Foucault (2013) desenvolve a noção de máscara, junto com a tatuagem e maquiagem, não só como um instrumento de embelezamento dos corpos, mas também dotados de uma espécie de magia, algo além do domínio do homem:

Máscara, signo tatuado, pintura depositam no corpo toda uma linguagem enigmática, toda uma linguagem cifrada, secreta, sagrada, que evoca para este mesmo corpo a violência do deus, a potência surda do sagrado ou a vivacidade do desejo. A máscara, a tatuagem, a pintura instalam o corpo em outro espaço, fazem-no entrar em um lugar que não tem lugar diretamente no mundo, fazem deste corpo um fragmento de espaço imaginário que se comunicará com o universo das divindades ou com o universo do outro. Por ele, seremos tomados pelos deuses ou seremos tomados pela pessoa que acabamos de seduzir. (FOUCAULT, 2013, p.12).

A imagem divulgada na página do Facebook do *Hormigón Armado*⁹ (Figura 1) é perfeitamente apropriada para exemplificar esta reflexão. Em foco, vê-se o *lustrabota* sentado com as pernas abertas. Ele divide o espaço em dois: a sua frente, onde está o observador, uma calçada normal, atrás de suas costas uma rua de um universo paralelo. A fotografia representa a existência de duas dimensões do espaço urbano, uma convencional e material, onde o espectador está, e a outra em negativo, desconhecida e secreta. Fazendo a mediação entre os planos, há justamente o corpo mascarado.

Apesar do tom místico no trecho de Foucault e da presença do fantástico na fotografia, não se deve deixar-se enganar: por hora, a máscara consiste em um dispositivo¹⁰ de exclusão, configurando uma separação entre sujeitos e um recorte do espaço.

⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/hormigon.armadoelperiodicodeloslustrabotas>, acesso em janeiro 2015.

¹⁰ Entende-se aqui o conceito de dispositivo segundo a concepção de Agamben (2009), apresentado como um conjunto de praxis, de saberes, de medidas, de instituições cujo objetivo é de administrar, governar, controlar e orientar, em um sentido em que se supõe útil, os comportamentos, os gestos e os pensamentos dos homens.

Este movimento de “ser tomado pelos deuses”, como descreve o pensador, lembra a figura da lei romana *Homo Sacer*, desenvolvida pelo filósofo italiano Giorgio Agamben (2010). Em sua investigação, ele chama atenção para o fato de que, na Antiguidade, o sagrado era sempre próximo da noção de tabu (2010, p.78). “Consagrar”, no passado, tinha um sentido próximo a “banir”, sendo termo que designava a saída das coisas da esfera do direito humano (Idem, 2007, p. 65). Este movimento de dividir o espaço, para Agamben, é performado por meio da religião:

Pode-se definir como religião aquilo que subtrai coisas, lugares, animais ou pessoas ao uso comum e as transfere para um esfera separada. [...] O dispositivo que realiza e regula a separação é o sacrifício: através de uma série de rituais minuciosos, diversos segundo a variedade das culturas, [...] ele estabelece, em todo caso, a passagem de algo do profano para o sagrado, da esfera humana para a divina. (AGAMBEN, 2007, p. 65-66)

No caso de La Paz, a máscara é apenas um dos procedimentos que visam construir um anonimato: primeiro eles trocam completamente de roupa para que não sejam reconhecidos pela vestimenta, em seguida vestem a balaclava, e depois se nomeiam por algum apelido ou pseudônimo. Esse gesto de desidentificação com uma identidade reconhecida por eles e pelos outros como válida (uma identidade cidadã) e de “vestimento” de uma máscara que encarna um lugar de sujeito associado à marginalidade. É nessa sequência de práticas que os *lustrabotas* performam um rito de anonimato que sanciona a entrada à planos exteriores.



1 - Fotografia de um *lustrabota*. Fonte: Página do Facebook do Hormigón Armado

Seguindo a hipótese trabalhada anteriormente, uma ideologia meritocrática introjetaria um sentimento de culpa e vergonha em trabalhadores “desqualificados”, como os engraxates. Os *lustrabotas*, tentando esconder a sua ocupação estigmatizada, elaboraram o ritual do anonimato descrito acima. Assim, eles se projetam a outro lugar, exilados da discriminação. O problema desta prática é que ela deixa a marginalidade latente, evitando-se uma oposição. Não se trata ainda de um discurso de denúncia a uma injustiça, se aproximando mais de sua concessão. Assim, apenas se adia a polemização da violência simbólica aos engraxates, o que contribui para a perpetuação da precariedade e da invisibilidade social. No entanto, apesar destas complicações trazidas pela prática, abolir o uso da balaclava também não é uma alternativa viável. Ao contrário, para muitos *lustrabotas*, isto só faz com

que eles sofram uma discriminação ainda mais intensa. A verdadeira alternativa é o que Agamben (2009, p. 45) chama de profanação, isto é, um “contradispositivo que restitui ao uso comum aquilo que o sacrifício tinha separado e dividido”. Ou seja, a restituição daquilo que havia sido isolado a ordem do sagrado e excluído do domínio humano, recuperando determinado meio, no caso a máscara, para um uso democrático.

Profanação e Fotografia

Agamben (2007, p. 68) diferencia profanação de secularização, ou seja, da remoção de um conteúdo teológico de um dispositivo, mas mantendo suas forças intactas. A moderna separação Igreja-Estado presente nas democracias liberais não significa a eliminação da religião, mas apenas a substituição da centralidade do culto cristão para a centralidade do culto capitalista. A sacralidade, o banimento de sujeitos e sua redução à vida nua continuam presentes. Paralelamente, o uso da máscara e a marginalidade dos *lustrabotas* são inspirados por uma desigualdade econômica e estrutural e não por alguma tradição arcaica indígena. Neste sentido, pode-se dizer que a balaclava consiste em um dispositivo secular. A religião, no sentido de separação entre duas esferas, continua existindo, mas agora assume a forma do capitalismo. Independente se fundamentada por uma teologia ou uma meritocracia, a segregação permanece intacta. A hierarquia neoliberal vigente hoje não é mais pautada por um discurso de fé, como na antiguidade, assumindo um conteúdo laico, porém, sem perder sua essência excludente. Agora, a religião, no sentido agambeniano de separação entre duas esferas, é definido não pela benção de Deus, mas sim pela mão invisível do capital, parafraseando aqui a metáfora de Adam Smith.

Em contraste com a secularização, a mera eliminação da influência de crenças e espiritualidade, a profanação busca uma mudança muito mais profunda. Ela consiste em desativar dispositivos de poder e devolver aquilo que estava indisponível e separado ao uso comum. Este processo não significa simplesmente abolir e cancelar as separações, mas aprender a fazer delas um uso novo (AGAMBEN, 2007, p.75).

A produção de figuras anônimas no cenário urbano através do uso da máscara permite aos *lustrabotas* a criação de códigos e de espaços próprios, participando assim na construção de uma heterotopia¹¹. Este “outro lugar” pode parecer uma espécie de santuário ou esconderijo onde eles não seriam expostos à perseguição cotidiana, conformando uma forma de

¹¹ Conceito proposto por Foucault (2013) e descrito como lugares que são desenhados na própria instituição da sociedade e que são espécies de contra-aloções, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora sejam efetivamente localizáveis.

resistência e proteção. No entanto, ele consiste de fato em seu exílio, dificultando o questionamento da discriminação e colaborando para sua perpetuação.

A profanação almeja a ruptura com esta configuração, sancionando uma anistia que libera o retorno dos exilados de máscara a um comum. Para isso, a máscara deve assumir novas funções e sentidos, que não se limitam à proteção, mas que abranjam a contestação das condições sociais reinantes. Uma vez profanada, a balaclava deixa de ser uma vestimenta alienígena, exterior ao cotidiano da cidade e volta a se inserir dentro do espaço comum de La Paz e El Alto. Para chegar a este ponto, é necessário que ela seja novamente apropriada pelos engraxates de tal forma que ela assuma um uso diferente de apenas tampar o indivíduo e marcá-lo como pária. Essa reapropriação política da máscara permite também a subjetivação política, uma vez que dá lugar a um processo de distanciamento que coloca em questão as formas de igualdade pretensamente asseguradas a todos, criando uma cena de dissenso para a expressão e promoção de mudanças na ordem consensual.

Potencialmente falando, a máscara não se limita a um recurso que separa engraxates do restante da população pacencha, mas pode vir a ser um meio que os aproxima e os resgate deste isolamento. É ao libertar a própria balaclava que os *lustrabotas* conduzem sua resistência, reapropriando-a para um uso comum que promova a igualdade e dignidade, opondo aos discursos hierarquizantes que inspiram o ritual excludente de anonimato.

A profanação decorre deste movimento de emancipar os próprios meios. Profanada, a máscara entra em choque com o exílio promovido por seu uso original. Esta profanação pode surgir de inúmeras maneiras, como pela organização em movimentos sociais, pelas publicações de escritos por parte dos engraxates e, nos focando aqui, pela fotografia.

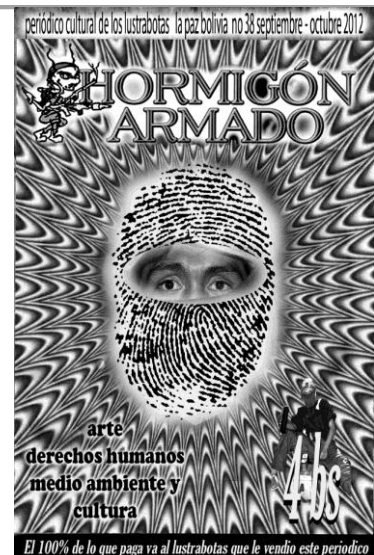
Uma vez que a máscara é capturada pela câmera objetiva, ela pode ser resignificada dentro da linguagem fotográfica. Como imagem, ela pode ser destituída de seu uso religioso que visa o exílio dos engraxates. Potencialmente, ela é redimida da infâmia social e é reinterpretada, construindo novos sentidos que questionam a ordem discriminante presente e propõe um futuro igualitário e digno aos *lustrabotas*.

As imagens do *Hormigón Armado*

Acreditamos que as imagens fotográficas das capas do jornal *Hormigón Armado* contribuem para a subjetivação dos engraxates, particularmente a partir da fotografia e de um processo de ressignificação/profanação da máscara.

Rancière (1996, p. 48) escreve que, dentro de uma lógica policial, os indivíduos assujeitados, como “operários” ou “mulheres” possuem “identidades aparentemente sem mistério”, isto é, identidades não contraditórias e facilmente reconhecíveis. A subjetivação política constitui na evidência deste enigma, de um estranhamento e, por consequência, de um afastamento em relação à imagem que lhe foi atribuída. Para se construir esta nova experiência estética, é necessário uma apropriação criativa da linguagem, presente especialmente nas imagens da arte, e que tente oferecer uma surpresa ou uma quebra de expectativa ao espectador.

Os fotógrafos do *Hormigón Armado* conseguem reproduzir este efeito de inúmeras maneiras, sendo a colagem um dos recursos mais recorrentes. Um exemplo interessante desse jogo com identidade está na imagem de capa da edição 38 do jornal (Figura 2). Consiste em uma edição com três camadas principais. A primeira é um retrato da face de um engraxate. Sobre a face, com exceção da linha dos olhos, há uma impressão digital, reproduzindo uma balaclava. No fundo, há um padrão vibratório devido ao uso de ilusões de ótica. Apesar de ser bem simples, consiste em uma brincadeira bem original. A impressão consiste no índice talvez mais individual e singular de uma pessoa, sendo signo indissociável dela. O jogo aqui aplicado é como a balaclava, que almeja o anonimato, é constituída pelo próprio símbolo da identificação. Esta alternância entre a determinação e indeterminação se torna ainda mais confusa pelo desenho hipnótico ao seu redor que transfere um movimento e uma força à máscara digital. O estranhamento da imagem ocorre tanto pelo grafismo quanto pelo paradoxo simbólico entre o evidente e o



2 - Capa da Edição 38, de Setembro e Outubro de 2012, do *Hormigón Armado*. Fonte: *Hormigón Armado*



3 - Capa da Edição 42, de Maio e Junho de 2013, do *Hormigón Armado*. Fonte: *Hormigón Armado*.

latente.

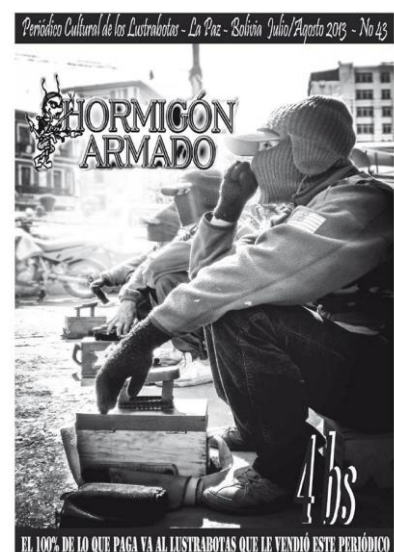
Outro exemplo de colagem está na capa da edição 42 (Figura 3), uma sobreposição de um engraxate sentado no caixote e uma parede grafitada logo atrás. Pode-se pensar que consiste em “dar asas” ao sujeito, construindo uma óbvia metáfora com a liberdade. No entanto, é curioso perceber que não se trata de asas quaisquer, mas

especificamente das asas de borboleta, o símbolo da ressurreição. Podemos imaginar que essa imagem consiste em um convite para a mudança, lembrando de que “o casulo é um ovo que contém a potencialidade do ser” (CHEVALIER, 1986, p. 691). Esta transformação do engraxate, isto é, sua subjetivação, não é propriamente fruto de uma mudança por parte do próprio sujeito, mas da forma como ele é percebido. A metamorfose não constitui na larva “feia” tornado-se um inseto adulto “bonito”, mas sim mudar a percepção do sujeito e reconhecer o potencial escondido atrás da balaclava. À primeira vista só notamos o jovem sentado, é necessário ter um olhar mais cuidadoso e atento para notar o grafite.

Esta segunda foto já se propõe mais do que apenas um desordem estética, ela já provoca o espectador a investigar um mistério em relação aos engraxates. A máscara, como um casulo, esconde um segredo. Não é apenas a identidade do rosto coberto, mas algo mais, uma singularidade própria. É necessário que o espectador se debruce sobre as demais páginas do *Hormigón* e leia os textos dos próprios engraxates para descobrir este enigma. Neste artigo, nossa reflexão não se dedica aos escritos do jornal, mas, a partir de uma leitura do conjunto de retratos de *lustrabotas*, também é possível desvendar esta potência.

Uma forma particular de fazer isso é a partir das fotografias de rua. Com uma documentação do cotidiano e da vida dos engraxates é possível que esta singularidade seja exposta pela lente da câmera. Porém, as imagens não consistem em reels fotocópias semelhantes aos referentes, exibindo algo além. Um exemplo disto está na capa do número 43 do jornal (Figura 4). A princípio se vê uma cena corriqueira das ruas de La Paz: três engraxates enfileirados, sentados na rua aguardando pelos seus clientes. Há talvez uma analogia com operários de uma linha de montagem, deixando seus braços largados como se esperassem pelo trabalho. Mas, há dois sintomas desta imagem que lhe dão uma dimensão surreal: o contra-plongé e a iluminação. A angulação busca a valorização dos retratados, lhes expondo com dignidade. A luz já cria um duplo efeito de, primeiramente, retirar um pouco da nitidez da fotografia o que, em conjunto com as máscaras e o enquadramento, gera a ilusão de uma repetição sem fim. Em segundo, ela dá um aspecto divino e celestial a

esses jovens de rua. É curioso perceber que a tranquilidade



4 - Capa da edição 43, Julho e Agosto de 2013, do *Hormigón Armado*.
Fonte: *Hormigón Armado*.



5 - Capa da Edição 48, de Maio e Junho de 2014, do Hormigón Armado. Fonte: Hormigón Armado.

na figura é algo incomum em uma metrópole como La Paz, fazendo com que a inércia dos engraxates já assume uma dimensão mística e virtuosa, como a meditação de monges budistas. A balaclava é essencial para esta imagem, uma vez que ela reforça este perfil sobrenatural dos retratados.

Outro poético exemplo está na capa 48 (Figura 5) que mostra um engraxate sentado e agachado no chão, olhando esquivamente para sua esquerda. Sua posição é introvertida, refletindo a timidez típica dos *lustrabotas*. Porém, logo atrás dele, vê-se o rosto de um gigante, cuja parte inferior das faces descoberta, mas com os olhos sombreados por um gorro. O titã encara a mesma direção

do engraxate a sua frente. Há um paralelismo e uma antítese entre os dois personagens, um já é encolhido e pequeno: enquanto o outro já é expansivo e grande, mas seus olhares parecem sincronizados e o trecho tampado no rosto do personagem da frente corresponde ao trecho visível do de trás, quase como se mostrassem personalidades complementares. A entidade colossal da imagem não é, portanto, um guardião enorme de uma criança impotente, ao contrário, é a própria força e potência ocultados de um sujeito singular¹².

Mas, afinal de contas, em que se constitui esta potência? A balaclava talvez esteja perpetuando este suspense, mas ao retirá-la, o rosto já é descoberto e expõe esta singularidade. Tal como revelado pela capa 47 do *Hormigón Armado* (Figura 6), fotografada por Jávier Calahumana, um lustrador e beneficiário do projeto - talvez por isto, é uma das poucas imagens que com as faces a vista. O *lustrabota* possui uma relação com o espaço urbano diferente dos demais,



6 - Capa da Edição 47, Março e Abril de 2014, do Hormigón Armado. Fonte: Hormigón Armado

¹² Esta capa é de uma edição especial dedicado às mães. Há uma ambiguidade na foto se o retratado é do gênero masculino ou feminino. Considerando este contexto, o titã é a própria criança que nascera e desenvolvera no futuro. O receio nos gestos pode ser inclusive dos anseios da chegada do bebê, mas também há, no caso, uma defesa da potência do engraxate que corresponde à maternidade e a criação de vida, algo comum tanto ao feminino quanto ao divino.

marcada por uma abertura e um contato único com a cidade. Na imagem, esta abertura é refletida pela posição dos braços, que é similar a algumas figuras santas. O engraxate se torna um ponto de referência para os ao seu redor, no caso pombos, como se eles fossem seu pastor e ele seu rebanho. Não há vergonha ou receio, há uma receptividade ao espaço exterior. Isto só ocorre porque não vê seu redor como algo hostil e sim como um lugar onde se sente confortável.

Há uma terceira reviravolta quando se pensa que em geral a cidade é um ambiente artificial, poluído e rígido. O fato de serem pombos nos lembra também de um conto de Mia Couto, *O Embodeiro que sonhava pássaros*, que narra a história de um senhor negro que possui um contato muito íntimo com a natureza e que, por isso, conseguia lidar bem com os pássaros da região. Ele os domava e os expunha no bairro dos brancos, andando descalço nas ruas asfaltadas, sendo respeitado pelas crianças ricas, enquanto os adultos o desprezavam invejosos de sua relação com a terra – uma relação que estrangeiros nunca teriam. Este personagem na foto é estranhamente similar ao negro da história de Moçambique.

Talvez, porque, enquanto para os cidadãos medianos de La Paz, a rua seja um espaço de transição entre moradias, comércios e empregos, para os que vivem, trocam e trabalham nela, o espaço urbano é diferenciado. A cidade já pode ser um meio ambiente no qual se conectar. Pachamama, a divindade andina semelhante à noção de mãe terra, continua existindo mesmo sob o concreto, mas só estes indivíduos podem se ligar com ela. Esta perspectiva única e diferente da cidade é algo que somente os *lustrabotas* possuem e precisamos escutá-los para entender este saber.

É este poder exclusivo dos engraxates que constitui o movimento de valorizar e conquistar uma autoestima oferecida pelo *Hormigón Armado*. As fotografias de capa não mostram apenas um pobre, um miserável escondendo de olhares preconceituosos, elas exibem alguém que domina um conhecimento incomum. Estas representações empoderam o *lustrabota* expondo-os em sua existência singular como sujeitos dominantes de seu espaço.

Os fins da Máscara e sua Subversão

É possível esperar que a máscara esconda o rosto, isto é, esconda a própria potência dos sujeitos. Esta singularidade e abertura que foi desvelada quando a balaclava sai de cena. No entanto, observando todas as demais fotografias do *Hormigón Armado*, ela participa em conjunto com os demais elementos da composição na resistência dos engraxates. Seja significando transformação, mistério, misticismo, tamanho ou simplesmente força, ela, na

estética das imagens, é retrabalhada e assume novos papéis políticos e estéticos. A máscara como estigma e vergonha é suspensa nestas fotografias, assumindo outros fins.

Mesmo esta interpretação última em relação a um saber particular dos *lustrabotas*, é apenas uma possibilidade entre infinitas potencialidades para os mascarados. Além da fotografia, a subjetivação dos engraxates ocorre em inúmeras outras formas e meios, como a música, a escrita e a sindicância. Aqui só foi investigado um destes recursos. Por consequência, esta pesquisa está longe de terminar - ou talvez, arrisque dizer, sempre continuará enquanto a criatividade humana pensar em novas maneiras de resistir.

No entanto, procuramos demonstrar uma particularidade da máscara fotografada que é a subjetivação a partir de sua profanação. Por apresentar uma potência política própria, podendo assumir diferentes usos e sentidos, a balaclava pode ser tanto um instrumento de poder quanto de resistência. Um dos mecanismos de emancipação destes jovens de rua foi a subversão de um meio estigmatizante e o esforço criativo de ressignificá-lo constantemente.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. Elogio a Profanação In: AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 65-80.

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? In: AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009. p. 25-54. Tradução Vinícius Nicastro Honesko.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I. 2**. Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

FOUCAULT, Michel. **O Corpo Utópico, As Heterotopias**: Posfácio de Daniel Defert. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. **O Desentendimento**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

SCARNECCHIA, Antonella; CAVAGNOUD, Robin. Los chicos lustra calzados de La Paz: el uso del pasamontañas como forma de máscara y símbolo de identidad. **Bulletin de L'institut Français D'études Andines**, Lima, v. 3, n. 42, p.491-503, 1 dez. 2013. Disponível em: < <http://bifea.revues.org/4254> >. Acesso em: 24 Set 2014.

SOUZA, Jessé. **Ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2009.